

## **Não deixe nenhuma pedra desvirada: um desafio de Páscoa para os cristãos**

**Dan Barker**

Tradução: Jan Duarte

Tenho um desafio de páscoa para os Cristãos. Meu desafio é simplesmente este: digam-me o que aconteceu na Páscoa. Não estou pedindo provas. Meu pedido franco é meramente que os Cristãos digam-me exatamente o que aconteceu no dia em que a sua doutrina mais importante nasceu.

Os Crentes devem ansiosamente aceitar este desafio, já que, sem ressurreição, não há Cristianismo. Paulo escreveu:

e, se Cristo não foi ressuscitado, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé. E assim somos também considerados como falsas testemunhas de Deus que ele ressuscitou a Cristo, ao qual, porém, se não ressuscitou, na verdade, os mortos não são ressuscitados (1º Coríntios 15:14-15).

As condições do desafio são simples e justas. Em cada um dos quatro Evangelhos, comece na manhã de Páscoa e leia até o fim do livro: Mateus 28, Marcos 16, Lucas 24 e João 20-21. Leia também Atos 1:3-12 e a pequena versão de Paulo da história em 1º Coríntios 15:3-8. Estes 165 versos podem ser lidos em alguns momentos. Então, sem omitir nenhum detalhe destes depoimentos separados, escreva uma narrativa simples e cronológica dos eventos entre a ressurreição e a ascensão: o que aconteceu por primeiro, por segundo, e assim por diante; quem disse o que, e onde estas coisas aconteceram.

Já que os Evangelhos nem sempre dão as horas exatas do dia, é permitido dar chutes educados. A narrativa não precisa tentar apresentar um quadro perfeito - ela apenas precisa dar ao menos um relato plausível de todos os fatos. Explicações adicionais da narrativa podem ser postos em parênteses. *A condição mais importante para o desafio, porém, é que nenhum detalhe bíblico seja omitido.* Justo o suficiente?

Eu mesmo tentei esse desafio. Eu falhei. Um ministro da Assembléia de Deus com o qual eu estava debatendo, alguns anos atrás em um show de rádio da Flórida, proclamou sonoramente no ar que ele iria me mandar uma narrativa em alguns dias. Eu ainda estou esperando. Depois do meu debate na Universidade de Wisconsin, "Jesus de Nazaré: Messias ou Mito", um estudante graduado Luterano me disse que aceitava o

desafio e que estaria me contatando em cerca de uma semana. Eu não recebi nada dele. Ambas estas pessoas, e outras, aceitaram que o pedido era justo e crítico. Talvez eles leiam devagar.

Muitas histórias bíblicas são relatadas apenas uma ou duas vezes, e por isso são difíceis de confirmar. O autor de Mateus, por exemplo, foi o único a mencionar que, na crucificação, pessoas mortas emergiram dos túmulos de Jerusalém, caminhando por lá e se mostrando para os outros – um evento fantástico, que dificilmente poderia escapar dos relatos dos outros escritores dos Evangelhos, e de outros historiadores do período. Mas, mesmo que o silêncio dos outros possa enfraquecer a veracidade da história, não a desmente. A refutação vem com as contradições.

Thomas Paine abordou este assunto duzentos anos atrás, em *A Idade da Razão*, ao tropeçar em dezenas de discrepâncias no Novo Testamento:

deixando de lado as controvérsias, [escreveu ele] em primeiro lugar, a concordância entre todas as partes da história não prova que a história é verdadeira, porque as partes podem concordar e o conjunto pode ser falso; em segundo lugar, a *não-concordância* das partes da história prova *que o conjunto não pode ser verdadeiro*.

Já que a Páscoa é contada por cinco escritores diferentes, isto nos dá uma das melhores oportunidades para confirmar ou refutar os relatos. Os Cristãos deveriam ficar felizes com a oportunidade.

Um dos primeiros problemas que encontrei está em Mateus 28:2, depois que duas mulheres chegam na sepultura: "e eis que houvera um grande terremoto; pois um anjo do Senhor descera do céu e, chegando-se, removera a pedra e estava sentado sobre ela" (vamos ignorar o fato que nenhum outro escritor mencionou este "grande terremoto"). Esta história diz que a pedra foi removida depois que as mulheres chegaram, e na presença delas.

Já o Evangelho de Marcos diz que isto aconteceu *antes* da chegada das mulheres: "e diziam umas às outras: quem nos revolverá a pedra da porta do sepulcro? Mas, levantando os olhos, notaram que a pedra, que era muito grande, já estava revolvida."

Lucas escreve: "e acharam a pedra revolvida do sepulcro". João concorda. Sem terremoto, sem pedra rolando. É três votos contra um: Mateus perde (ou então os outros três estão errados). O evento não pode ter acontecido antes e depois que as mulheres chegaram.

Alguns defensores da bíblia afirmam que Mateus 28:2 foi planejado para ser entendido no passado perfeito, mostrando o que aconteceu antes que as mulheres chegassem. Mas toda a passagem está no tempo aorístico (passado), e ele é, em contexto, um simples relato cronológico. Mateus 28:2 começa "e eis que houvera" e não "e houve". Se este verso pode ser embaralhado tão facilmente, então o que nos impede de botar a enchente antes da arca, ou a crucificação antes da natividade?

Outro problema berrante é o fato que, em Mateus, a primeira aparição pós-ressurreição de Jesus para os discípulos aconteceu em uma montanha na Galiléia (não em Jerusalém, como a maioria dos Cristãos acredita), como predito pelo anjo sentado na pedra recém-movida: "e ide depressa, e dizei aos seus discípulos que ressurgiu dos mortos; e eis que vai adiante de vós para a Galiléia; ali o vereis". Isto deve ter sido de suprema importância, já que esta era a mensagem de Deus, transmitida pelo(s) anjo(s) na sepultura. Jesus até havia predito isto antes, durante a Última Ceia (Mateus 26:32).

Depois de receber esta mensagem angelical, "partiram, pois, os onze discípulos para a Galiléia, para o monte onde Jesus lhes designara. Quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram" (Mateus 28:16-17). Lendo isto literalmente, e em contexto, é claro que Mateus afirma que esta é a primeira aparição. Se Jesus tivesse sido visto antes disso, porque alguns duvidariam?

Marcos concorda com o relato de Mateus sobre a mensagem dos anjos a respeito da Galiléia, mas conta uma história diferente sobre a primeira aparição. Lucas e João relatam mensagens diferentes dos anjos e então contradizem radicalmente Mateus. Lucas relata a primeira aparição na estrada para Emaús e em seguida em uma sala em Jerusalém. João diz que aconteceu mais tarde, naquela noite, em uma sala. Estas mensagens angelicais, localizações e viagens durante o dia são impossíveis de conciliar.

Os crentes, algumas vezes, usam a analogia de cinco homens cegos examinando um elefante, todos vindo com uma definição diferente: tronco de uma árvore (perna), corda (cauda), mangueira (tromba), muro (lado) e pano (orelha). Pessoas que usam este argumento esquecem que cada um dos homens cegos estava errado: um elefante não é uma corda ou uma árvore. Você pode unir as cinco partes e chegar a um conjunto não-contraditório do animal inteiro. Isto não foi feito com a ressurreição.

Outra analogia usada algumas vezes pelos defensores da fé é comparar as contradições da ressurreição com relatos de testemunhas de um acidente de carro. Se uma testemunha disse que o veículo era verde e a outra disse que era azul, isto pode ser explicado por ângulos, luminosidade, percepções diferentes, ou outras definições. A

coisa importante, eles afirmam, é que eles concordam no básico da história - houve um acidente, *houve* uma ressurreição.

Não sou um fundamentalista literal. Não estou querendo que os evangelistas tenham sido testemunhas infalíveis (de qualquer maneira, nenhum deles afirma ter estado no sepulcro). Mas, e se uma pessoa disser que o acidente aconteceu em Chicago e a outra disse que aconteceu em Milwaukee? Pelo menos uma dessas testemunhas tem sérios problemas com a verdade.

Lucas diz que a aparição pós-ressurreição aconteceu em Jerusalém, mas Mateus diz que ela aconteceu na Galiléia, *entre 90 e 160 quilômetros de distância!* Será que eles poderiam ter viajado 250 quilômetros naquele dia, a pé, marchando até a Galiléia para a primeira aparição, e depois voltar a Jerusalém para a janta? Não há menção de cavalos, mas doze puros-sangues bem tratados, correndo a uma velocidade perigosa, a mesma que um corvo voa, iriam precisar de cerca de cinco horas para a viagem, sem descansar. E, durante este cenário excêntrico, poderia Jesus ter achado tempo para um passeio até Emaús, aceitando, "perto da noite", um convite para jantar? Tem alguma coisa errada aqui.

Esta é apenas a ponta do iceberg. Claro, nenhuma destas contradições prova que a ressurreição *não* aconteceu, mas elas criam uma dúvida considerável na confiabilidade das supostas testemunhas. Algumas delas estão erradas. Talvez todas elas estejam erradas.

Este desafio poderia ser mais difícil. Eu poderia perguntar por que relatos de seres sobrenaturais, desaparecendo e materializando-se do nada, defuntos mortos há muito tempo voltando à vida e pessoas levitando devem ser considerados seriamente. Thomas Paine foi um dos primeiros a apontar que afirmações excessivas requerem provas excessivas.

Protestantes e católicos não parecem ter problemas em aplicar um ceticismo saudável sobre os milagres do Islã, ou à visita "histórica" entre Joseph Smith e o anjo Moroni<sup>1</sup>. Por que os Cristãos devem tratar suas afirmações exorbitantes de modo diferente? Por que alguém que não estava lá é mais ávido em acreditar do que Tomé, que viveu durante aquele tempo, ou os outros discípulos, que disseram que as notícias das mulheres sobre o sepulcro "pareceram-lhes como um delírio e não lhes deram crédito" (Lucas 24:11)?

Paine também mostra que tudo na bíblia são *rumores*. Por exemplo, a mensagem no sepulcro (se é que realmente aconteceu) tomou este caminho, no mínimo, antes de

chegar aos seus olhos: Deus, anjo(s), Maria, discípulos, autores dos Evangelhos, transcritores, tradutores (os Evangelhos são todos anônimos e nós não temos versões originais).

Mas as primeiras coisas em primeiro lugar: cristãos, ou vocês me dizem exatamente o que aconteceu no Domingo de Páscoa, ou vamos simplesmente deixar o mito de Jesus enterrado perto de Eastre (Ishtar, Astarte), a deusa da primavera pagã em honra da qual o seu dia-santo foi nomeado<sup>2</sup>.

### **Notas:**

Dan Barker é formado em Teologia, tendo atuado por muitos anos como pastor protestante. Anunciou publicamente o seu ateísmo em 1984, e desde então tem aparecido em inúmeros *talk-shows*, programas de rádio e debates, contestando as contradições da fé cristã. É co-presidente da *Freedom from Religion Foundation* e um dos editores do periódico *Freethought Today*, onde o presente artigo foi originalmente publicado (N. do T.).

<sup>1</sup> O autor se refere ao fundador da seita mórmom e ao alegado encontro deste com um anjo, quando teria recebido as revelações sagradas que embasaram a criação da seita.

<sup>2</sup> A Páscoa, em inglês, denomina-se *easter*.